

Só-mente mente: um corpo de psicanalistas no social

Alice Becker Lewkowicz¹

Alida Vitória Álvares Fuhrmeister¹

Carmem Emília Keidann¹

Denise Vivian Lahude¹

Heloisa Cunha Tonetto¹

Ivani Teresinha Bressan Valentini¹

Joyce Goldstein¹

Maria Elisabeth Cimenti¹

Mery Pomerancblum Wolff¹

Somos dois grupos de psicanalistas da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) realizando trabalhos no “extramuros”. O primeiro se passa na própria sede da SPPA, onde um destes grupos reúne-se anualmente com educadores de escolas de educação infantil de comunidades de baixa renda de Porto Alegre e assessores da Secretaria Municipal de Educação (SMED). Realizam uma série de oito encontros para falar sobre o dia a dia em uma escola infantil, abordando temas do cotidiano desde uma perspectiva dialética, fluindo entre a liberdade e a violência.

O outro grupo trabalha com adolescentes de 16 a 18 anos ligados a dois centros do Projeto Pescar (Grupo profissionalizante de jovens vulneráveis mantidos por empresas privadas). Realizam encontros mensais com os jovens para discutir suas realidades de vida e de relação entre si, que poderiam afetar sua profissionalização oferecida pelo Projeto. Com os pais

¹ Membros da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

destes jovens, mensalmente, ocorre um encontro para se pensar a relação destes com os filhos.

Escolhemos relatar este trabalho através de metáforas que tentam dar conta da intensidade que está envolvendo essa experiência.

Começamos com Galeano:

Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - *Pai, me ajuda a olhar!* (Galeano, 1997, p. xx).

Esta passagem, reproduzida por Galeano, causou-nos forte impressão, pois há algum tempo nos temos deparado com outro, o “nosso mar”. Diante dessa imensidão, também trazemos Erêndira através de Ismael Ivo em sua versão do conto de Gabriel Garcia Marques.

“La increíble y triste historia de la Candida Erendira y de su abuela desalmada”

(1972/2014), de Gabriel García Márquez, é a história de uma jovem de 14 anos, de aparência esquelética e lânguida, cuja única herança em vida é ter a presença de sua avó paterna. Viviam as duas no deserto, longe de tudo, num refúgio incompreensível construído por um contrabandista lendário que se chamava Amadís, com quem a avó teve um filho, que também se chamava Amadís, e que foi pai de Erêndira.

Depois que os Amadís morreram, seus corpos foram enterrados no pátio da casa e ambas continuaram a viver nessa casa. Erêndira era explorada pela avó em obrigações diárias intermináveis: cuidar da **alcova**, esfregar os pisos, lustrar as pratas e cristais, fazer almoço, banhar, pentear, e vestir a avó, que só caminhava apoiada no ombro da neta. Erêndira vivia aturdida de sono, enquanto a avó dormia vivendo delírios. Em seu quarto, sem o luxo do da

avó, a menina acendia o castiçal sem ânimo nem de despir-se. Quando as cortinas e os ventos fizeram um grande incêndio, elas perderam tudo. Acusada pela tragédia, teria que prostituir-se, oito anos sete meses onze dias, dívida administrada pela avó. Iniciou o trabalho autorizado com um viúvo pagando o preço negociado por sua virgindade. Todos queriam desfrutar da **novidade Erêndira**.

A mocinha conheceu Ulisses, um rapaz holandês e ambos se apaixonaram.

Numa das paragens, missionários descobriram o trabalho de Erêndira e a levaram para um convento. Mas a moça de lá fugiu, simulando que estava casando e retornou para a avó e para o negócio.

Ulisses, de deserto em deserto, conseguiu encontrá-las. Fugiriam, mas antes teriam que matá-la e Ulisses preparou um bolo com arsênico. A avó lambuzou-se, mas não morreu.

A história chegou ao fim com a luta corporal entre Ulisses e a avó, em quem ele desferiu facadas até a morte da avó. Ulisses foi encontrado na praia com a boca para baixo chorando de medo e de solidão. Erêndira tomou o jaleco que a avó vestia, forrado das barras de ouro de seus serviços e saiu correndo pelo deserto, de onde jamais se teve notícia dela nem vestígio de sua desgraça.

Como já dissemos, somos um *corpo* de psicanalistas que atravessamos as dunas das paredes de nossos consultórios para realizar trabalhos com a comunidade.

No princípio, quando nos decidimos pela realização deste trabalho, o plano consistia em apresentarmos temas-tarefas para serem desenvolvidos. Sentia-mo-nos psicanalistas que, como autoridades no assunto, teríamos importantes conteúdos para transmitir ao público leigo. Seriam aulas do *livro das crianças e adolescentes* para educadores que trabalhavam com *crianças e adolescentes que não eram de livro* - este, um trocadilho síntese dos acontecimentos que estariam por vir. Convictos estávamos de nossa capacitação.

Neste nosso início, numa abordagem do TODO comprometida pelo pressuposto do “saber” que, por certo, daria conta da apreensão do que iria ocorrer nos encontros, foi *impacto* o nome da impressão causada pela realidade de nossas educadoras, adolescentes e pais. E *vulnerabilidade* o nome de nossa condição receptiva. Relatos do seu dia a dia, com descrições de maus tratos, dificuldades sociais de toda espécie, variando entre pobreza extrema, desmantelamento das famílias pelo alcoolismo e dependências químicas, mortes violentas e baixas constantes, incluindo chefes de família pelas execuções do mundo das drogas. Estas eram as histórias que ouvíamos: transitávamos entre a vida e a morte. Realidade diferente daquela dos consultórios de clínica privada que atendem crianças, adolescentes e famílias de classe média alta.

Após os encontros, ansiávamos por nos reunir para contar e recontar o que nossos ouvidos, nossos olhares e nosso corpo escutavam nos grupos.

Veio o tempo da desilusão quanto ao “conhecimento” da, e sobre aquela, realidade. Crise da identidade de psicanalistas naquele âmbito verdadeiramente novo para todos. Havia relatos de problemas graves, para os quais não tínhamos as soluções, dependentes que eram de providências que se revelaram fugidias, insuficientes, inócuas, inalcançáveis pelos “métodos conhecidos” e repertório à nossa disposição. E a pergunta que se repetia, incessante – O que é e como é ser psicanalista nesta circunstância? Como estamos implicados neste cenário?

Em seu artigo “*Las Diferencias Desigualadas*”, Fernandez (2009) destaca as dimensões filosóficas, políticas e epistemológicas desta discussão. E propõe algumas questões que nos pareceram relevantes: Como pensar categorias conceituais que não operem como fundamento de desigualdades políticas? Como operar com uma lógica da diferença que não se sustente no “a priori” epistêmico da diferença como anomalia? Em síntese, como pensar o que não é idêntico nem diferente?

Aqui vem a calhar o relato de uma passagem num dos grupos em que se perguntou sobre a experiência das educadoras com o tráfico em suas comunidades. Deixaram claro que esta é sua realidade e com ela convivem. Sentem-se, até, relativamente protegidas pelos chefes de boca, porque eles lhes têm simpatia e não querem saber de violência nas creches onde seus filhos passam os dias. Dentre as histórias contadas, uma educadora relatou a seguinte experiência. Coordenadora de sua creche, ao chegar, certa manhã, não encontrou TV, computadores e outros aparelhos utilizados nas atividades. Desolada, comentou na comunidade sobre o acontecido e um jovem disse que sabia quem era o ladrão- era o Dedé, que havia roubado pra pagar o chefe. A educadora pensou: “Se eu denunciar à polícia, vou amanhecer morta”. E foi à casa do chefe. Ao entrar e deparar-se com os aparelhos, disse-lhe que eram todos seus e haviam sido roubados da creche pelo Dedé. O chefe pediu que deixasse com ele. No outro dia ela encontrou todos os pertences no pátio da escola. Soube que o chefe mandou seus “funcionários” darem uma surra no Dedé.

Como iremos classificar a providência da educadora? Com base em que conceitos? No das noções de civilidade? No de certo/errado? Honesto/desonesto?

Outro exemplo de situação:

Em um grupo com os adolescentes, trabalhávamos as palavras significativas para cada um deles. Uma jovem nos chamou atenção. Sua palavra foi medo. Falou com o peso de chumbo, pedindo para não explicar o motivo de sua eleição. Ao ver considerado seu desejo, inesperadamente disse, e com o mesmo peso: matei uma pessoa. Instalou-se um silêncio profundo no ambiente. Já estávamos próximos ao final do grupo e uma das coordenadoras quebrou o silêncio dizendo que, às vezes, matamos partes de nós mesmos. A adolescente ironizou a resposta dada pela psicanalista que, de imediato, se deu conta do inapropriado de sua colocação. Mas, era hora de se encerrar e assim foi feito.

Saímos impactadas. Nesse momento nos amparamos na imagem da jovem do filme “Preciosa”.

Sem o sabido e o conhecido, entrávamos novamente no mar, porém numa perspectiva diferente. Começávamos a nos aproximar do mar, deixando-nos penetrar através dos sentidos e assim, seguíamos pelos caminhos que os grupos iam trilhando.

O modelo das “formações do inconsciente” nos coloca diante de *estruturas abertas*, algo como redes de pescadores que gostariam de conhecer não apenas o peixe bem formado (as figuras figuradas, as representações), mas o próprio mar. Quando puxamos a rede em nossa direção (na direção de nosso desejo de saber) somos obrigados a constatar que o mar por seu lado se retira. Ele escoia por toda parte, foge, e ainda o percebemos um pouco em torno dos nós da rede onde algas informes o significam, antes de secarem completamente em nossa praia. Compreendemos, lendo Freud, que o psicanalista se obriga a reconhecer que, ao puxar a rede em sua direção, o essencial também desaparece. Os peixes estão bem ali (as figuras, os detalhes, os fantasmas que o historiador da arte igualmente ama colecionar), mas o mar que os torna possíveis guardou seu mistério, presente apenas no brilho úmido de algumas algas presas nas beiradas. Se um pensamento do inconsciente tem algum sentido, então ele deve se reduzir a estruturas feitas de buracos, de nós, de extensões impossíveis de situar, de deformações e de rasgaduras na rede. (Didi-Huberman, 2013, pp. 222-223).

Educadores e adolescentes se mantiveram o tempo todo sabendo, não por conhecimento intelectual prévio, mas por experiência do seu cotidiano e por suas próprias necessidades, aquilo que recém agora começávamos a perceber em nossas interações. A constatação deste conhecimento intuitivo esteve sempre no fato de retornarem para os

encontros, ano após ano, menos pelos cursos do que por captarem nossa disposição genuína de *sermos-com* eles.

Segundo Tânia Galli Fonseca, numa conversa, “*situamo-nos sempre diante de uma espécie de língua estrangeira e nos vemos impelidos a ser bilíngues no interior de nossa própria língua. Quando a conversa se torna encontro, é no fundo de solidões que ela acontece, levando os interlocutores a perderem seu nome próprio para virem compor um efeito combinado, pois algo se passa entre dois ou mais como um efeito de ziguezague; um não se torna o outro, mas cada um encontra o outro em um bloco de devir que não lhes é comum, mas que está entre os dois, acontecendo o que se pode chamar de uma dupla ou múltipla captura.... Isso seria, pois uma conversa*”.

É este o encontro que buscamos em nossas Rodas de Conversa.

Revelaram-se em nosso trabalho incontáveis *Erêndiras* que encenam uma diversidade de personagens únicos na enciclopédia da vida e da morte. A Erêndira de García Márquez contou com o próprio corpo a história desta personagem da vida e da morte; a mesma que sua avó já contara e que inúmeras mulheres e homens já contaram e recontaram. Até que, quem sabe esta personagem do imaginário social possa se fazer representar diferente, simbolicamente. Trauma está presente em todo psiquismo como desmantelamento, desamparo e irá se repetir até que possa ingressar no discurso, na medida em que estivermos implicados nestas cenas e pudermos tentar construir novas tramas juntamente com os personagens. Pensamos que nosso papel se aproxime do coro nas tragédias.

O coro tinha várias funções no drama grego: era uma personagem da peça; fornecia conselhos, exprimia opiniões, colocava questões e, por vezes, tomava parte ativa na ação. Ao coro competia também criticar valores de ordem social e moral, exercer o papel de expectador ideal ou voz da opinião pública, reagindo aos acontecimentos e ao comportamento das personagens como o dramaturgo julgava que a audiência reagiria se

estivesse no seu lugar. Desempenhava ainda a função de elemento impulsionador da emoção dramática, conferindo movimento ao que estava a ser representado e promovendo quebras de ação de forma a levar o público a refletir sobre o que se passava. Em muitas destas peças, o coro transmitia ao público o que os personagens principais não poderiam dizer, como os seus medos ocultos ou segredos.

Assim como nós, que diante da perplexidade provocada pelo convívio com esses adolescentes e essas educadoras, buscamos nas Erêndiras um coro que dê voz a novas elaborações éticas no confronto entre vida e morte que estas experiências têm exigido.

Referências

- Didi-Huberman, G. (2013). *Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte*. São Paulo: 34.
- Fernandez, A. M. (2009). *Las diferencias desigualadas: multiplicidades, invenciones políticas y transdisciplinar*. Bogotá: Universidad Central.
- Galeano, E. (1997). *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM.
- García Marquez, Gabriel. (2014). *A incrível e triste história da Cândida Erêndira e sua avó desalmada*. Rio de Janeiro: Record (Trabalho original publicado em 1972).